

Processos de museologia e patrimonialização dos Bombos de Lavacolhos: A Casa do Bombo de Lavacolhos

Karla Regina Bach de Andrade

Instituto de Etnomusicologia – Centro de Estudos em Música e Dança, Universidade de Aveiro (INET-md - UA), Portugal

marimbabach@hotmail.com

Resumo: Este artigo insere-se no âmbito do doutoramento em Etnomusicologia que estou a desenvolver na Universidade de Aveiro. O estudo centra-se no processo de musealização do bombo que vem a ocorrer em Lavacolhos desde 2009 e resulta de trabalho de campo que desenvolvi nessa localidade entre 2012 e 2014. Lavacolhos é uma freguesia do concelho do Fundão que, segundo o Instituto Nacional de Estatística, conta com 236 habitantes cuja ocupação principal é a agricultura ou a prestação de serviços (INE 2011). O presente estudo permitiu concluir que ocorrem conflitos entre as políticas de preservação promovidas pelas autarquias e os interesses dos detentores da tradição dos bombos.

Palavras-chave: bombos, Casa do Bombo, Lavacolhos, patrimonialização, musealização.

Abstract: This paper is part of the Ph.D. research in Ethnomusicology that I am developing at the University of Aveiro. The study focuses on the process of the *objectification* of the *bombo* (bass drum) which has been occurring in Lavacolhos since 2009. The results come from the fieldwork conducted between 2012 and 2014 in Lavacolhos, a small village in the Fundão municipality. According to the National Institute of Statistics, Lavacolhos has about 236 inhabitants whose main occupation is agriculture or within the service sector (INE 2011).

Keywords: bombos, Casa do Bombo, Lavacolhos, objectification.

Introdução

A prática dos bombos em Lavacolhos tem sido alvo de políticas de preservação, musealização e reativação por parte do poder autárquico local. Tais políticas conduziram à criação da Casa do Bombo em 2009, um espaço museológico que possui em suas instalações painéis fotográficos com imagens dos tocadores e artesãos, etnógrafos e folcloristas que documentaram práticas em Lavacolhos, um pequeno acervo de instrumentos musicais construídos pelos artesãos da localidade, um local para demonstração do processo de construção dos bombos e caixas, além de uma sala multimídia onde o visitante **tem a oportunidade de “aprender a tocar a moda do bombo”** (entr. José Mota 2013). Para além dessa dimensão expositiva, a Casa do Bombo tornou-se um trunfo político, justificando argumentos a favor da manutenção da freguesia aquando da discussão em torno da reforma administrativa autárquica, entre 2012 e 2013, impedindo que a freguesia se agregasse a outra e perdesse, assim, a sua unidade. Face aos investimentos na Casa do Bombo e ao impacto que a mesma teve na reorganização do poder autárquico, coloco as seguintes questões: Por que razão foi instituída a casa do Bombo em 2009? O que são os bombos de Lavacolhos? Como a prática dos bombos é mantida por detentores da tradição? Neste artigo irei refletir sobre conflitos entre as políticas para a Casa do Bombo e as ações dos detentores da tradição comprometidos com práticas de tocar e construir bombos em Lavacolhos. Começo por discutir questões em torno da transformação da cultura num destino turístico, tomando como principal referência Barbara Kirshenblatt-Gimblett. **“Assim é o turismo, que não apenas compreende a vida no mundo, mas também a desloca, escalando desta forma o processo pelo qual a vida se torna herança.”** (Kirshenblatt-Gimblett 1998: 4).

Casa do Bombo de Lavacolhos

Instalada na antiga Escola Primária Municipal de Lavacolhos, cujas atividades escolares foram encerradas em 2007 por falta de alunos (entr. José Mota 2013) a Casa do Bombo foi concebida a partir de um projeto idealizado pela Câmara Municipal do Fundão em parceria com a Associação Pinus Verde. O projeto foi elaborado por Paulo Fernandes - então vereador da Cultura da Câmara Municipal do Fundão - e por colaboradores, com o objetivo de inserir casas temáticas em algumas localidades dos concelhos do Fundão, Oleiros e Covilhã, com intuito de promover o turismo local através do fomento de atividades culturais relacionadas com a vida da comunidade. De acordo com Paulo Fernandes, **o projeto das casas temáticas é “um empreendimento na valorização da floresta e das várias atividades a ela associadas: a apicultura, a produção de cogumelos, as tecedeiras do linho e os homens que tocam bombos”** (entr. Paulo Fernandes 2014). Dessa forma, foram criadas a Casa do Mel em Bogas de Cima, a Casa do Cogumelo em

Malhada Velha, a Casa das Tecedeiras em Janeiro de Cima e a Casa do Bombo em Lavacolhos, que foi uma das últimas a ser disponibilizada ao público. Segundo José Mota e Paulo Fernandes, quando foi inaugurada a Casa do Bombo, seus mentores nutriam a expectativa de que ali se aprendesse a construir e a tocar o bombo (entr. José Mota e Paulo Fernandes). Assim, foram organizadas algumas oficinas de construção do instrumento abertas ao público (estudantes e jovens do concelho). Todavia, após alguns meses de atividade, a Casa passou a manter-se fechada, sendo que em 2013 só era possível visitá-la com agendamento prévio. A Junta de Freguesia de Lavacolhos, na figura de seu presidente, tornou-se responsável pela gestão e manutenção da Casa do Bombo, contudo, não lhe foi assegurado o devido financiamento que permitisse dar continuidade ao projeto tal como foi inicialmente idealizado. Tive a oportunidade de conhecer a Casa do Bombo em 2013 em uma visita guiada pelo Sr. José Mota, então Presidente da Junta de Freguesia de Lavacolhos. Nesta mesma ocasião, o Sr. José Mota concedeu-me uma entrevista na qual defendeu a importância da Casa do Bombo no processo de reorganização da gestão da administração local em Portugal, sustentando **que “a Casa do Bombo é uma mais valia para Lavacolhos, pois assim mantém a localidade como Freguesia”** (entr. José Mota 2013). Em outras entrevistas que realizei com tocadores de bombos, artesãos e moradores de Lavacolhos esse discurso é recorrente.

Na minha primeira visita à Casa do Bombo, encontrei-a fechada. O Sr. José Mota abriu-a especialmente para mim. Nesse dia, não havia mais visitantes para conhecer aquele lugar. Entrei num pequeno átrio onde havia uma escrivaninha e uma vitrine, onde estavam expostos para venda miniaturas de bombos e estudos acadêmicos, etnografias e obras literárias com enfoque na localidade. Do átrio, passei para uma galeria com ampliações de fotografias de tocadores, artesãos, bombos e caixas. Nenhum destes tocadores estava identificado. Os textos que legendavam as fotografias referiam-se às práticas e não aos protagonistas. Passando para a galeria seguinte, pude observar mais ampliações fotográficas sobre os mesmos temas, além de instrumentos (bombos e caixas manufaturados por artesãos locais) colocados no chão. No espaço seguinte, as fotografias documentam etnógrafos e folcloristas. Na sala adjacente encontra-se o local reservado para o aprendizado da construção de bombos e caixas, com tornos, ferramentas, materiais de construção (aros, peles, cordas, ganchos) e uma ampliação da **transcrição musical e poética da “Moda do Bombo”** realizada por Armando Leça. Assim como os anteriores, este espaço estava inativo, apesar de ter sido projetado para que os artesãos levassem para aí as suas oficinas de construção de instrumentos.



Figura I. Casa do Bombo de Lavacolhos.

Em minha primeira visita à Casa do Bombo, em 2013, nenhuma das pessoas que me acompanhavam sabia utilizar o equipamento da sala multimídia para que eu pudesse ter **a experiência de “aprender a tocar a moda do bombo”** (*ibid.*). Só pude vir a conhecer todos os recursos do espaço multimídia em 2014, quando participei numa visita à Casa do Bombo juntamente com um grupo de jovens integrantes de uma tuna acadêmica da Covilhã. Na ocasião, entrei com eles na sala multimídia e observei imagens que estavam sendo projetadas numa tela e que faziam parte de um filme do programa multimídia. Nessas imagens, identifiquei alguns dos protagonistas que apresentavam a forma de tocar seus instrumentos: eram o tocador de caixa Américo Serrão Simão e o tocador de bombo João Russo Matos, os integrantes mais velhos do Grupo de Bombos de Lavacolhos, os quais conheci durante as festas de 2013 e 2014. Em sequência a essas **imagens, aparece um pifareiro a tocar a ‘Moda do Bombo’. Nesse momento, ouvi** protestos dos lavacolhenses que nos guiavam na visita. Os integrantes da tuna **começaram a rir e um dos nossos acompanhantes falou: ‘Esse pifareiro nem sequer é de Lavacolhos... Vocês estão a reconhecer onde ele está? É isso mesmo, em Silvaes e essa moda que ele está a tocar não é assim que cantamos aqui’** (notas do caderno de campo 2014). **Outro morador completou: ‘Quando fizeram esse filme, não perguntaram se tinha cá em Lavacolhos um pifareiro para participar, convidaram esse que não é o nosso pifareiro’** (*ibid.*).

Ao conversar com diferentes lavacolhenses sobre a Casa do Bombo, obtive alguns pareceres convergentes com o ideário das autarquias promotoras quanto à relevância daquele edifício para a freguesia. Contudo, surgiram também algumas divergências, nomeadamente no que se refere à seleção de imagens e objetos. Enquanto que os promotores procuraram representar na Casa do Bombo práticas de tocar o bombo de todo o concelho, os lavacolhenses insurgem-se quanto à utilização do “seu edifício” da

antiga escola primária para exibir imagens de modos de tocar de grupos de outras localidades, com os quais os tocadores de bombos mantêm rivalidades ao longo de várias gerações.

A prática dos bombos em Lavacolhos

Durante o trabalho de campo que desenvolvi entre 2012 e 2015, tive a oportunidade de ter contato com os tocadores e artesãos e de presenciar a participação dos bombos nos contextos das festas locais. Além disso, pude aprender a tocar e observar o processo de construção de um bombo. A partir desse conhecimento, posso afirmar que a prática dos Bombos de Lavacolhos integra tocadores (homens) – bombos, caixas, píforo -, um coro masculino, indivíduos da comunidade de Lavacolhos – alguns residentes fora da localidade -, artesãos - detentores de uma tradição de construção de instrumentos - e envolve as autoridades locais – poder autárquico e padre da freguesia. Nos anos de 2013 a 2015, observei que esta prática esteve presente em três festas do calendário religioso de Lavacolhos: a Festa de Santo Amaro, a Festa do Divino Espírito Santo e a Festa do Senhor da Saúde. Em anos anteriores, a prática dos bombos integrou eventos fora da localidade de Lavacolhos, como a Festa da Cereja (Alcongosta), Festival de Música Tradicional Portuguesa da Casa da Música (Porto), Semana Cultural Terras do Xisto (Castelejo), Festival Internacional de Percussão (Seixal), entre outras festas seculares. A prática dos bombos é mantida pelos tocadores e artesãos de Lavacolhos, que são os detentores da tradição de tocar e construir bombos. Há apenas dois construtores desses instrumentos em Lavacolhos. São eles: Natalino do Rosário Alves, mais conhecido na **comunidade de Lavacolhos como 'Seu Natalino' e Américo Barroca Simão, cujas oficinas** estão instaladas em suas respectivas residências. Segundo Natalino Alves, a função de construtor de bombos é muito recente, "pois antigamente todos os homens em Lavacolhos sabiam construir e tocar bombos" (entr. Alves 2013). Em 2013, entrevistei Américo Simão e obtive um depoimento detalhado sobre a prática e sobre o processo de construção dos bombos em Lavacolhos, desde a seleção dos materiais até ao encordoamento das peles. Américo Simão descende de uma linhagem de tocadores e construtores de bombos. O seu conhecimento sobre a prática e a construção foi-lhe transmitido pelo pai e pelo avô. Além disso, Américo integra o Grupo de Bombos de Lavacolhos e participa ativamente nas festas na freguesia. A partir das entrevistas realizadas com os artesãos em Lavacolhos, cheguei a uma descrição do processo para a **construção de um bombo que, segundo meus interlocutores, é "assim que se faz o bombo desde muitos anos" (ibid.):**

O bombo em si em primeiro tem que ser a parte da chapa, uma chapa em zinco, ao fim de ter uma chapa em zinco arranja-se um arco em silva. Vai-se ao campo, corta-

se uma silva verde, tiram-se os piquinhos todos da silva, dobram-se no tambor para secar e ao fim de secar e mesmo verde, pode-se meter no bombo. Depois do arco em silva leva um arco de madeira em castanho. Ao fim de levar o arco de madeira em castanho vamos a coser a pele. A própria pele a gente seca, de um animal, uma cabra. Ao fim de termos a pele da cabra seca, temos que molhar de um dia para o outro, para poder coser a pele no próprio tambor. Entalar tudo no arco em silva, coser a pele com o pelo para dentro, e ao fim de cosermos toda a volta, viramos a pele ao contrário para o pelo ficar à vista. Mete-se o arco em madeira castanho, metem-se os ganchos e depois laça-se a corda de uma ponta à outra para o bombo ficar completo. Depois tem que secar um dia ou dois, conforme, que é pra uma pessoa poder tocar no bombo (entr. Simão 2013).

Para além de construir e fornecer a manutenção dos bombos utilizados nas festas locais, os artesãos Natalino Alves e Américo Simão constroem peças de artesanato, tais como miniaturas de bombos, joeiras, bombos-relógio.



Figura II. Oficina do artesão Américo Simão.

A atuação do Grupo de Bombos de Lavacolhos dá-se todos os anos, principalmente durante as festas religiosas: a Festa de Santo Amaro, no dia 15 de Janeiro (dia de Santo Amaro, padroeiro de Lavacolhos), mais conhecida como a Festa dos Tordos e do Vinho; a Festa do Divino Espírito Santo, que ocorre sete semanas após a Páscoa; a Festa do Senhor da Saúde, no terceiro fim de semana de agosto. Nessas ocasiões, o Grupo de Bombos de Lavacolhos sai às ruas da freguesia com os bombos e caixas construídos pelos dois artesãos locais, percorrendo um itinerário específico que varia de acordo com a festa.

Relato agora algumas observações acerca da festa em honra ao Divino Espírito Santo, decorrentes do trabalho de campo realizado em 2013. A festa se inicia no sábado, e nela participam os moradores da localidade de Lavacolhos e alguns lavacolhenses que moram

próximos da freguesia. No Centro de Convívio de Lavacolhos são realizadas rifas e um bailinho. Bebidas são disponibilizadas, além de caldo verde, ovo verde e o queijo da serra para quem quiser comprar. No domingo pela manhã, há uma missa na capela do Divino Espírito Santo que termina com uma procissão com dois andores, que percorre um pequeno roteiro em volta da capela. À tarde, por volta das 16 horas, se não chover, inicia-se o apertar das cordas dos bombos e caixas pelos tocadores do grupo. Em seguida, todos os participantes sobem a Rua da Pereirinha, soltam-se fogos e o pifareiro do Grupo de Bombos de Lavacolhos inicia a primeira 'volta' da Moda do Bombo. Prontamente, os tocadores de bombos e caixas passam a acompanhar a melodia, que é seguida pelo coro **de homens. No romance 'Os Betórias', Carlos Gravito evoca a prática do bombo em Lavacolhos quando escreve: "os bombos, pontuando o folguedo, fazem o percurso inverso ao da procissão pelas ruas do povoado" (Gravito 2005: 142). O cortejo é seguido pelas mulheres e crianças até a Capela do Divino Espírito Santo, que se encontra ao lado do Centro de Convívio e ali, ao final do percurso, são depositados os bombos para quem quiser tocar (notas caderno de campo 2013).**



Figura III. Bombos de Lavacolhos depositados no chão para quem quiser tocar.

Algumas conclusões

Numa tentativa de manter as práticas como suas, os detentores da tradição - os lavacolhenses - resistem às imposições das autarquias (câmara e freguesia) rejeitando **as tentativas de interferência do poder local, em atitudes contraditórias de "submissão-resistência-contestação" (Sanchis 1992: 214). Os construtores de bombos mantêm suas oficinas nas suas habitações familiares e rejeitam o espaço na Casa do Bombo criado para construir os bombos e demonstrar sua construção. Ao mesmo tempo, o Grupo de Bombos continuou a guardar os seus instrumentos na Junta de Freguesia de Lavacolhos**

e não na Casa do Bombo, como os seus mentores desejavam.

O caso em estudo é revelador de conflitos entre políticas de preservação pela musealização do bombo desenvolvidas pelas autarquias (tais como: documentação, arquivo, exposição) e práticas de participação, mantidas pelos detentores da tradição nos contextos das festas locais. Observa-se que, numas e noutras, a manutenção dos bombos é um objetivo comum. Todavia, enquanto nas políticas que assentam na musealização, os bombos são objetificados e resignificados no museu em narrativas **expositivas impessoais e ‘mortas’**; nas práticas de participação, os bombos acionam competências musicais (construtores, tocadores, cantadores), atualizam memórias coletivas e afirmam a identidade local. Na minha perspectiva, sustentada nas conversas que tive com lavacolhenses, este conflito não teria existido se todo o processo tivesse sido concebido horizontalmente, ou seja, com a participação das pessoas envolvidas na prática dos bombos. A Casa do Bombo permanece edificada, evidenciando o poder das autarquias. Contudo, a Casa do Bombo continua desativada, isolada dos processos dinâmicos que dão vida aos Bombos de Lavacolhos, revelando o distanciamento que tocadores e construtores querem manter em relação a este projeto.

Referências Bibliográficas

- Gravito, Carlos (2005) *Os Betórias*. Coimbra e Castelo Branco: Alma Azul.
- Kirshenblatt-Gimblett, Barbara (1998) *Destination Culture: Tourism, Museums, and Heritage*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Sanchis, Pierre (1992) [1983] *Arraial: Festa de um Povo: as romarias portuguesas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Outras Fontes

Instituto Nacional de Estatística – INE 2011

http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_main [consultado em: 09/06/2013]

Entrevistas

José Mota (2013) realizada na Casa do Bombo em Lavacolhos 23/03/2013.

Américo Barroca Simão (2013) realizada na oficina do artesão 25/03/2013.

Natalino do Rosário Alves (2013) realizada na oficina do artesão 19/05/2013.

Paulo Fernandes (2014) realizada na Câmara Municipal do Fundão 26/05/2014.